

Carolina Maria de Jesus: uma breve cartografia de seu espólio literário

Raffaella Fernandez¹

NA VASCULHA DA LITERATURA criada pela brasileira Carolina Maria de Jesus, pode-se empreender uma busca pelo conhecimento da totalidade do material numa tentativa de reconstituição mínima da integridade do extenso acervo deixado pela escritora. O acervo contém mais de cinco mil páginas preenchidas com suas “sábias palavras” e engenho literário, quase totalmente desconhecidos do grande público. No entanto, não se pode perder de vista a concepção de totalidade sugerida por Arlette Farge em *O sabor do arquivo*². A estudiosa de arquivos atenta para as dificuldades da materialidade do arquivo, pois, segundo ela, o pesquisador não pode se esquecer de que está diante do sujeito de papel. Assim, ela problematiza o real e a falsa totalidade deste diante do arquivo, pois o olhar é construído por meio dos mecanismos de preservação que incidem sobre a obra, podendo afetar a disposição original do processo criativo do escritor e, conseqüentemente, da interpretação do arquivo. O contato com o material palpável estrutura o olhar e escreve um novo arquivo, sendo os fundos de arquivos “um mar” no qual o leitor mergulha e pode vir a se afogar, sobretudo quando não observar as lacunas, que dizem muito sobre o conjunto de uma obra.

Como mostra Derrida³, o arquivo é fragmentação *per se*, um deslocamento contínuo, e dele pode-se deprender uma ideia de tempo explosivo. O autor nos leva a refletir junto a Carolina de Jesus ao perguntar: Como ler aquilo que não cessa de ser escrito? Essa travessia incessante e acidentada, esse devir-obra, ou seja, o arquivo da obra que ainda não aconteceu, que vem e continua vindo, reiterado, acontecimento inacabado das narrativas inéditas, estas com as quais tivemos contato. O arquivo, então, se coloca para nós como iminência: um presente que não cessa de acontecer.

De certo modo, a disponibilização do espólio literário de Carolina de Jesus gera uma memória poética, já que esses documentos permitem novos desvendamentos quando interpretados e quase poetizados por nós, leitores-autores, sobretudo ao serem vislumbrados pela crítica literária. Passa-se a olhar esse passado em movimento ou em aberto, de posse desse presente agora partilhado. Como vimos, o registro passa a narrar, pois a memória não é mera depositária de lembranças, mas é aquela ferramenta que nos permite começar com graça outro passado. Praticando uma reinteriorização do vivido e uma instauração do ser por meio da palavra, a linguagem carolineana instaura-se pela capacidade de memória, um voltar ao ponto de partida para dar princípio à vida: “no princípio era o verbo”, e se há verbo é porque há um princípio, um discurso.

Por intermédio dos arquivos de Carolina de Jesus pôde-se evidenciar lacunas e diálogos transversais que se entrecruzam e se atravessam deixando pistas que permitem iluminar os caminhos percorridos pela escritora. Pôde-se ver como a memória vai emergindo das lacunas, evidenciando abismos, fraturas, de modo que, partindo de questionamentos levantados nos documentos rasurados de Carolina de Jesus, interpretam-se seus interstícios (a liberdade dos falares) e consideram-se as incertezas da memória

¹ Pós-doutoranda em Ciência da Literatura da UFRJ (PNPD/Capes) e do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ). Contato: raffaellafernandez@yahoo.com.br

² Título original: *Le goût de l'archive*. Paris: Seuil, 1997. No Brasil: *O sabor do arquivo*. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

³ DERRIDA, Jaques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Durrará, 2001.

como possíveis verdades. A não linearidade desses escritos permite adentrar por qualquer fio tecido dos textos que, a exemplo dos textos de Benjamin⁴, representa uma fonte mais além do testemunho da artista. A visualização do palimpsesto, do ato de riscar e escrever de novo, já se apresenta como um traço do fluxo contínuo da memória.

Gérard Genette, crítico literário francês e teórico da literatura, em “*Palimpsestes: la littérature au second degré*”, observou que o objeto da poética não é o texto em si, mas o que ele denominou a arquiteculturalidade do texto, definida como o conjunto das categorias gerais ou transcendentais tais como os tipos de discurso, os modos de enunciação, os gêneros literários, etc. Nesse conceito de poética, o autor observa a transtextualidade ou transcendência textual do texto, e diz que todo texto coloca-se em relação com outro; por isso, manifesta ou oculta alguma semelhança com outros que o antecederam. Metaforicamente, este autor se refere à criação literária como uma prática análoga à dos antigos pergaminhos, em cujo couro eram gravadas as inscrições, e estas eram sobrepostas após a raspagem do texto anterior. Segundo ele, a inscrição que foi raspada para que outra fosse escrita não é, de fato, de todo apagada, de modo que se pode lê-la por transparência, ou seja, lê-se “o antigo sob o novo”. Assim, no sentido figurado, são palimpsestos aquelas obras que fazem referência a uma obra anterior, ou que dela decorre por “transformação ou imitação”⁵.

É este gesto estrutural, figurado na prática do palimpsesto, que promove a escritura de Carolina de Jesus em seu processo criativo, decodificado por meio de diferentes versões de suas narrativas, algumas manuscritas, e constituídas de diversas variantes discursivas, literárias e não literárias, como um centão⁶, a compor sua poética de resíduos. A escritora também faz palimpsesto de sua própria obra, tanto aproveitando ideias e textos alheios quanto reelaborando seus textos anteriores.

A poética de resíduos pode ser visualizada na organicidade e nas frestas da obra de Carolina Maria de Jesus, correspondendo às condições materiais e aos percursos de constituição de sua formação como escritora e como pessoa social. Os resíduos como emparelhamento, acumulação, improvisação e reutilização do descartável são molduras para a materialidade de sua obra. Nota-se por meio dos originais de Carolina de Jesus que as imposições da norma culta da língua portuguesa estão praticamente ausentes e que, em geral, cedem lugar às marcas da oralidade, tais como se processam no nível lexical, discursivo e fonológico, em contraste com um número expressivo de vocábulos cultos, inseridos de memória, da cultura *paraescolar*, de leituras autodidatas, e do ouvido atento.

A escrita diarista e memorialista acompanha todo o percurso da obra, ora como ajuste e preparação da obra mesma ora como terapia que se escreve à revelia do desejo de ser escrita, como *Leitmotiv* de onde Carolina de Jesus extrai temas ou acontecimentos inteiros que são reaproveitados, reciclados em suas narrativas curtas, como aquelas hibridizadas com intenso traçado e desfecho ao modo das fábulas;

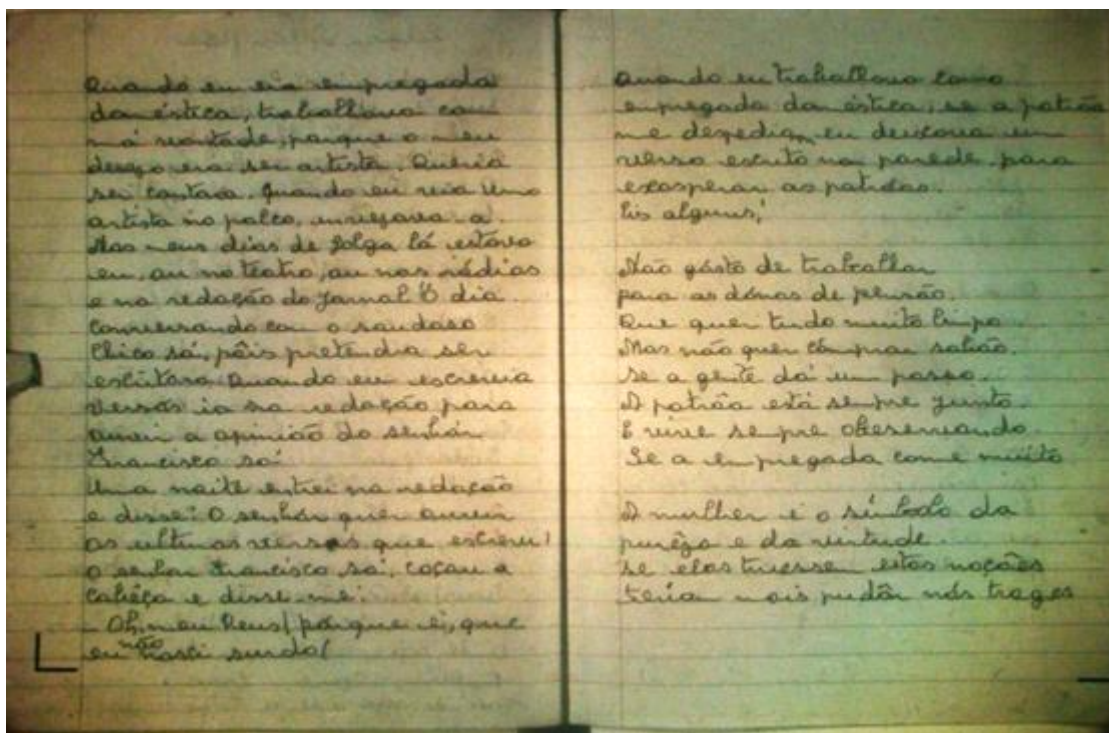
⁴ Ver, por exemplo, como Benjamin escreve seu texto “Sur le concepte d’histoire”. Conf. BENJAMIN, Walter. *Oeuvres III*. Paris: Gallimard, 2010, p.427-443.

⁵ GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: a literatura de segunda mão*. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. UFMG: Faculdade de Letras, 2005.

⁶ CENTÃO: Composição poética ou musical, de origem greco-latina, formada por uma “manta de retalhos” (do latim *cento*) de sentenças, expressões alheias, versos ou melodias de vários autores (*pot-pourri*), ou de um só autor. É condição fundamental que o centão reconstitua os elementos dispersos dos quais parte até obter uma nova composição, com um novo sentido. Pode-se aproximar este conceito da ideia de bricolagem. Os poemas homéricos e virgilianos deram origem a muitos centões, sobretudo a partir da Era cristã. Na Renascença italiana, Dante e Petrarca também inspiraram centões. O poema “Antologia”, de Manuel Bandeira, é um centão feito de versos seus. Cf.: F. Ermini: *Il Centone di Proba e la poesia centonaria latina* (1909); O. Delepierre e Van de Weyer: *Revue analytique des ouvrages écrits en centons depuis les temps anciens jusqu’au XIX siècle* (Genève, 1968; Londres, 1868); R. Herzog: *Die Bibelepik der lateinischen Spätantike*, Tomo I (1975).

tanto em seus romances como em outros textos considerados por ela como seus “humorismos”, ela reaproveita duas situações por ela vivenciadas para ironizar sua própria vida em forma de anedota, na constituição de uma história para si em palimpsesto. Como nesse exemplo:

Documento 17:



Transcrição do FTG:

Quando eu era empregada doméstica, trabalhava com má vontade, porque o meu desejo era ser artista. Queria ser cantora. Quando eu via uma artista no palco, invejava-a. Nos meus dias de folga lá estava eu, ou no teatro, ou nas rádios e na redação do Jornal O dia. Conversando como saudoso Chico Sá, pôis pretendia ser	Quando eu trabalhava como empregada doméstica, se o patrão me despedia, eu deixava um verso escrito na parede para exasperar as patroas. Eis alguns: Não gosto de trabalhar para os donos de pensão. Que quer tudo muito limpo. Mas não quer comprar sabão. Se a gente dá um passo. O patrão está sempre junto. E vive se me obedienciando. Se a empregada come muito. O mulher é o símbolo da pureza e da virtude. Se elas tivessem estas noções teria mais pudor nêr trageis
---	---

⁷ Notação: Localização: FBN-MS-565 (4)- Caderno 7. Localização: APMS 02.01.07. Análise documentária: BN-Microfilmagem realizada na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, em Setembro de 1996. Equipamento utilizado: MRD-2 Kodak_Projeto Carolina Maria de Jesus Coleção Vera Eunice de Jesus Lima, 3ª Parte. Total de fotogramas: 538 (bruto) FTG s/n. APMS- Caderno autógrafo a grafite, sem capa, acabamento grampeado, danificado com folhas soltas; F. s/n. Estatuto genético: Pensamentos, poemas, provérbios. Diário de 27/01/61 a 22/02/61. Tipo: escritos autobiográficos e diverso

<p>escritora. Quando eu escrevia versos ia na redação para ouvir a opinião do senhor Francisco de Sá Uma noite entrei na redação e disse: o senhor quer ouvir os últimos versos que escrevi? O senhor Francisco Sá coçou a Cabeça e disse-me: _oh, meu Deus! Porque é, que Eu^{não}nasci surdo!</p>	<p>A patroa está sempre junto. E vive sempre observando. Se a empregada come muito</p> <p>A mulher é o símbolo da purêza e da virtude . se elas tivessem estas noções teriam mais pudôr nos trages</p>
---	--

O primeiro texto autobiográfico está mais bem-estruturado e no final traz uma citação que reaparece isoladamente, muitas vezes, em outros fólhos (FBN). Sendo este texto posterior ao do quadro seguinte, pode-se perceber que ele desvela uma elaboração do fato vivido, narrado e rerepresentado de muitas maneiras. No segundo texto, observa-se a estilização que antecede a citação “eis alguns:”, além de rimas toantes e consoantes que favorecem a sonoridade, contribuindo com a coesão dos versos: junto/muito; pensão/sabão. Neste texto, que também carrega elementos autobiográficos ao retomar o tema da empregada doméstica, nota-se a enumeração na caracterização dos tipos “patrão/patroa”. No entanto, este texto é mais esgarçado; ele não tem o ritmo do poema popular, do estilo nordestino. No entanto, apesar de estar próximo dessa linguagem popular ele se parece mais com uma fala-confissão e seu desfecho tem forma de sentença, de um ensinamento, próximo da fábula por ser proverbial.

Tanto a insatisfação no trabalho de empregada doméstica, em função das humilhações citadas, quanto a condição de poeta repelida e menosprezada são temas tratados aqui com humor, como um autoescárnio, como se pode ver a seguir nos textos autógrafos transcritos, encontrados em duas versões, uma nos cadernos APMS e outra que supostamente seja a segunda versão, como será explicado adiante na análise da cronologia dos cadernos que estão no IMS:

Texto 1:

<p style="text-align: center;">A empregada</p> <p>Uma jovem dêixou o interior e vêio empregar-se em São Paulo para ganhar mais. Não apréciu o São Paulo com seu bulicio diario e o seu clima enigmático. Enfim, ela estava discontente regressou ao interior.</p> <p>As amigas fôram comprimenta-la e saber que tal é São Paulo. Ela respondeu-lhe assim</p> <p>Quando eu era empregada Sofri tanta humilhação</p>
--

As vêzes eu tinha vontade
De dar uma surra no meu patrão

Era um patrão malcreado
Não deixava eu parar um segundo
E o diabo ainda falava:
De mim, para todo mundo.
Obrigava eu levantar
A uma da madrugada.
E ainda andava dizendo
Esta malandra, não faz nada

Se a gente da um passo,
O diabo esta sempre atrás
Vive sempre pondo defeito
Em todo serviço que a gente faz

Não gostei de trabalhar,
Foi para as donas de pensão,
Que quer tudo muito limpo
Mas não quer comprar sabão

Se a gente da um passo
A diaba, esta sempre junto.
Vive sempre observando,
Se a empregada come muito//
Vive sempre pondo defeito
_Em todo cerviço que a gente faz

Neste texto nota-se que a escritora elabora elementos do vivido valendo-se do palimpsesto ao narrar suas experiências, no entanto, utilizando também palavras e expressões que pertencem a um vocabulário mais elaborado, como “bulício” e “clima enigmático”. Um ponto que merece destaque é a estrutura de quase todos os versos do seu poema, com sete sílabas poéticas – redondilha maior⁸ – o que remete à forma da poesia antiga, que usava esse modelo de versificação. Para esta análise, esse modo de escrever pode ser considerado a evidência de que Carolina de Jesus pretendia, de algum modo, sofisticar o seu texto, alinhando-o a um gênero textual consagrado. Talvez, também, por ser compositora de

⁸Redondilha é o nome dado, a partir do século XVI, aos versos de cinco ou sete sílabas – a chamada medida velha, que foi muito utilizada por muitos poetas, inclusive por Camões. Aos versos de cinco sílabas dá-se o nome de redondilha menor [pentassílabo] e aos de sete sílabas, de redondilha maior [heptassílabo]. São versos que favorecem a memorização e por isso, ainda hoje, são empregados nas composições populares.

músicas, essa métrica lhe saísse de modo natural, aliada ao ritmo das frases, ainda que muitos versos estejam com o ritmo quebrado, isto é, com menos ou mais de sete sílabas.

A narrativa também carrega traços da forma do conto ao situar o acontecimento no tempo, utilizando o passado perfeito, e no espaço da narrativa a cidade de São Paulo, do ponto de vista do narrador já situado no seu interior. A trama fragmentada repete elementos das narrativas do quadro anterior, tanto nos aspectos de fábula quanto na versificação, ao repetir, em versos, aquela narrativa da empregada ao seu auditório composto pelas amigas. Daí decorrem traços de oralidade percebidos no verso anterior, portanto como poesia popular.

Cartografando os originais

Atualmente sabe-se que os textos publicados de Carolina de Jesus foram solapados por correções, supressões, ajustes e delimitações, de modo que são necessárias diversas visitas aos arquivos, e às instituições custodiadoras que guardam seus manuscritos e datiloscritos em versão autógrafa ou microfilmada, para apreensão de algumas constatações das diferenças entre o texto publicado e seus originais. Todo o material está dividido entre o Museu Afro Brasil (MAB), em São Paulo, a Biblioteca Nacional (FBN) e o Instituto Moreira Salles (IMS), no Rio de Janeiro; o Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick (APMS), em Sacramento; e o Acervo de Escritores Mineiros (AEM), em Belo Horizonte, em Minas Gerais.

Na década de 1970, foi realizado um projeto de edição de parte dos manuscritos de Carolina de Jesus, organizada por Meihy. Os documentos foram microfilmados em 1996, em convênio com a Library of Congress (1ª aquisição). Os originais referentes à segunda aquisição estão disponíveis na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Biblioteca do Congresso, em Washington D.C. (USA). Este dossiê é constituído de 11 cadernos, microfilmados em 11 rolos, datados de 1958 a 1963, contendo as seguintes denominações estabelecidas pela Biblioteca Nacional (FBN): romances, diários, poesias, provérbios, recortes de jornais, contos e textos autobiográficos, documentos diversos e fotografias. Na relação do conteúdo dos 11 rolos microfilmados, divididos em dois blocos de microfilmes **MS 565** (rolos de 1 a 10) e **MS 524** (somente 1 rolo), constam:

Rolo MS 565 (1)

Diários:

Caderno 1

Diários 18/05/60 a 20/06/60

Caderno 2

Diários 13/07/60 a 24/07/60

Caderno 3

Diários 05/08/60 a 08/08/60

Caderno 4

Diários 10/08/60 a 26/10/60

Rolo MS 565 (2)

Caderno 6

Diários 04/12/60 a 05/12/60

Diários 10/12/61 a 17/12/61

Caderno 7

Diários 27/01/61 a 22-02/61

Caderno 8

Diários 26/02/61 a 09/03/61

Caderno 9

Diários 10/03/61 a 03/04/61

Caderno 10

Diários 07/04/61 a 06/05/61

Caderno 11

Diários 07/05/01 a 21/05/61

Caderno 12

Diário 18/12/61

Rolo MS 565 (3)

Diários 30/10/58 a 02/12/58

Rolo MS 565 (4)

Coleção de Cadernos contendo Miscelânea- Parte 1

Caderno 1

Poesias, Provérbios e diário

Caderno 2

Texto não identificado e diário

Caderno 3

Provérbios e Texto não identificado

Caderno 4

Provérbios, diário e texto "O Brasil"

Caderno 5

Poesias

Caderno 6

Poesias e texto autobiográfico (SP, 08/02/71)

Rolo MS 565 (5)

Coleção de Cadernos contendo Miscelânea- Parte 2

"Datiloscritos esparsos contos" (números a mão de 1-121, das quais faltam as páginas 14-17, 51, 63, 64, 79, 82, 99, e mais quatro páginas não numeradas).

Caderno 9

Poesias e peças teatrais intercaladas

Caderno 11

Fotos de Carolina; Foto dela com os filhos; foto com Ruth de Souza. Capa mutilada. Páginas manchadas.

Recortes: documentos mutilados, rasurados, manchados ou incompletos.

Romances – Microfilmados em 4 rolos

Rolo MS 656 (6) [1ª parte]

Caderno 1

Romance Dr. Silvio (a partir da página 100 há tinta vazada de uma página para outra)

Caderno 2

“Dr. Silvio”

Caderno 3

“Dr. Silvio”

Caderno 4

“Dr. Silvio”

Caderno 5

“Dr. Silvio”

Rolo MS 565 (7) [2ª parte]

Caderno 6

“Dr. Silvio”

Caderno 7

“Dr. Silvio”

Caderno 8

“Dr. Silvio”

ROLO MS 565 (8) [3ª parte]

Caderno 9

“Dr. Silvio”

Poesias, textos esparsos titulados, sete páginas de diário do dia 31/12/58

Caderno 10

“Dr. Silvio”

Caderno 11

“Dr. Fausto” (faltam páginas)

Caderno 12

(Continuação de um texto não encontrado)

Romance “Diário de Martha” ou “Mulher diabólica”

Caderno 13

Romance sem identificação ou conto “Helena”

Rolo MS 565 (9) (4ª parte)

Caderno 14

Romance “Rita”

Caderno 15

Romance “O escravo”

Caderno 16

Romance “A Felizarda”

Caderno 2

Há 80 páginas de um possível romance

Rolo MS 656 (10)

Coleção Audálio Dantas – São Paulo

Coleção composta por recortes de jornais, revistas, documentos diversos e diversas fotografias.

Última Hora – RJ, 06/05/1960

Correio da Manhã – RJ, 29/05/60

Folha da Manhã - SP, 19/08/1960

Folha – SP, 20/08/60 [Lançamento do Livro Quarto de Despejo]

Correio Católico – Uberaba, MG, 20/08/60

Diário Popular – SP, 20/08/60

Folha da Tarde – SP, 20/08/1960

Folha da Noite – SP, 20/08/1960

Última Hora – RJ, 20/08/1960

Diário de São Paulo – SP, 20/08/1960

Diário da Noite – SP, 20/08/1960

Última Hora – RJ, 20/08/1960

Lista Dos Mais Vendidos – 21/08/1960 – 1ª Colocada

Última Hora – RJ, 21/08/1960

Última Hora – RJ, 23/08/60

A Gazeta – SP, 23/08/1960

Última Hora – RJ, 23/08/1960

Última Hora – RJ, 24/08/60

Folha de São Paulo – SP, 24/08/60

Última Hora – RJ, 25/08/60

Folheto de campanha de Adhemar de Barros contendo foto, citação e pequeno texto)
26/08/60

A voz de São Paulo – SP 26/08/60

Diário da Tarde – SP 26/08/1960

Coluna Paisagem e Memória de Helena Silveira: “Carolina, Sabiá Cego?”, Folha de São Paulo
27/08/60

Reportagem sobre saída da favela – n/i, 30/08/1960

Folha de São Paulo – 30/08/1960

Folha de São Paulo – 30/08/1960

Folha de São Paulo – 31/08/1960

Folha de São Paulo – 31/08/1960

A Gazeta – SP – 31/08/60

Revista A Esperança – SP, 31/08/60 => Alagamento faz com que moradores da favela do
Canindé abandonem seus barracos, após isso, distribuição de brinquedos velhos, “Resta a
esperança”

O Estado de São Paulo – SP, 31/08/60

Diário Popular – SP, 31/08/60

Jornal do Brasil – RJ, 31/08/60

Última Hora – RJ, 31/08/60
Última Hora – RJ, 31/08/60
Última Hora – RJ, 31/08/60
Última Hora – RJ, 31/08/60
Última Hora – RJ, 02/09/60

MS 524 (1) [11º Rolo]
“Romance” – SP, 1954

Após a microfilmagem das fotos e reportagens, dos textos de diversos gêneros e alguns originais de romances, como “A Felizarda”, “Rita” e “O escravo”, os originais foram doados por Vera Eunice, filha da autora, ao Museu de Sacramento, que os guardava de maneira muito dispersa até a chegada do pesquisador Sérgio Barcellos. Ele não apenas reorganizou os dossiês como codificou os textos. Também pôde constatar muitos danos em virtude do mau estado de conservação e armazenamento desse material. Em abril de 2015, organizado por Sérgio Barcellos, foi publicado o “Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus”, uma obra fundamental, acompanhada de diversos dos textos de seus colaboradores na preparação do catálogo que inventariou as atualizações recentes do acervo da escritora, e que pode ser consultado na rede⁹. A organização do guia permite cruzar dados e preencher lacunas, pois o espólio literário de Carolina de Jesus oferece uma documentação escassa se quisermos descrever as diferentes etapas de seu processo criativo. A documentação, no entanto, é muito rica se pensarmos o contexto discursivo de sua produção, facilitando a abrangência dos estudos de profusão histórica e sociológica nos debates em torno da obra da escritora.

O Arquivo Municipal “Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick”, de Sacramento (MG), oferece a seguinte descrição dos documentos de Carolina de Jesus disponíveis no local, mas que discrepam daquela realizada com maior rigor no guia e, principalmente, pelo desaparecimento de parte do acervo:

Levantamento e relação do acervo de Carolina Maria de Jesus, doado por sua filha, Vera Eunice de Jesus Lima, à comunidade de Sacramento, MG, que se encontra no Arquivo Público Municipal “Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick”.

1 – Quadros, fotografias emolduradas e objetos pessoais:

- 1.1 Óleo sobre tela de Carolina Maria de Jesus, do autor S.santistela-1974 (0,54m x 0,69m)
- 1.2 Um bico de pena “Diário de favelada” autor: Paiva (Mogi das Cruzes) com inscrição de C.M. de Jesus no verso (0,35m x 0,28m)
- 1.3 Três quadros de família “Carolina e filhos, José Carlos e João José” (0,23m x 0,16m)
- 1.4 Um quadro “representação de um sonho” escritora Lara de Esteves (0,31m x 0,28m)
- 1.5 Um quadro “óleo sobre tela” de Carolina Maria de Jesus, autor José Pires de Lima, pintado em 19/03/1995 (1,00m x 1,40m), encontra-se exposto na biblioteca pública Dr. José Valadares da Fonseca, em Sacramento.

⁹<www.vidaporescrito.com>

1.6 Um parafuso, objeto de metal com um cordão (tipo corda) ofertado pela Universidade do Chile por seus escritos com a seguinte justificativa: “a todo escritor falta um parafuso”.

2 – Livros, apostila (Publicações do Brasil e exterior):

2.1 Edição Russa do “Quarto de Despejo – Kossuth Konyvkiado, 1964”.

2.2 Ed. Inglesa de “Casa de Alvenaria” University of Nebraska press, Lincoln and London – 2 volumes.

2.3 Ed. Brasileira de “Quarto de Despejo”, da Ed. Francisco Alves da 1ª edição (com dedicatória da escritora), 1960. Edição de bolso (2ª edição) 1976.

2.4 “Cinderela Negra” (a saga de Carolina Maria de Jesus), de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, Editora UFRJ, 1994.

2.5 “Provérbios”, de Carolina Maria de Jesus, 2 volumes, edição da escritora, 1964.

2.6 “Brazilian Authors Translated Abroad” (relação dos livros mais vendidos na França) Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura, 1994.

2.7 “Brazilian Novel Catalog” (relação de autores brasileiros fund.), da Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, 1994.

2.8 2 rolos k7 gravados das músicas de Carolina Maria de Jesus, com o respectivo catálogo de 12 composições “Quarto de despejo”.

2.9 Afro-hispanic Review, vol. XI n.º 1-3 “A menor mulher do mundo”

3 – Manuscritos inéditos (romances e fragmentos de poesias, crônicas, contos inéditos e publicados):

3.1 Romances inéditos – títulos:

- Diário de Marta ou mulher diabólica – 1 caderno
- O Escravo- 1 caderno
- Rita – 1 caderno
- Felizarda – 1 caderno
- Dr. Fausto – 1 caderno
- Dr. Silvio – 10 cadernos
- Maria Luiza – 1 caderno
- Relacionados em maços

3.2 Diários

- 18/5/1960 a 29/6/1960 – 1 caderno
- 5/8/1960 a 8/8/1960 – 1 caderno
- Diário 13/07/ 1960 – 1 caderno
- 26/10/ 1960 a 3/12/1960 – 1 caderno
- 7/5/1961 a 6/05/1961 – 1 caderno
- 4/12/1960 a 17/12/1961- 1 caderno
- 18/12/1961 – 1 caderno
- 26/2/1961 a 9/3/ 1961 – 1 caderno
- 10/3/1961 a 3/4/1961 – 1 caderno
- 24/12/1960 a 26/1/1961 – 1 caderno
- 1/09/1966 – 1 caderno

- Meu estranho diário de 143 páginas – 1 caderno
- Dados autobiográficos – poemas – 1 caderno
- Diários 9/8/1960 – 2 cadernos
- Provérbios e diários 30/10/1958 a 4/12/ 1958 – 1 caderno
- Escrito de identificação difícil (romance) – Poemas – 1 caderno
- Cartas esparsas e histórico de 8/2/1974 – Xerox original
- Xerox (duplicado) de janeiro de 1961 – Xerox (Meu Estranho Diário), 129 págs.

4 – Peças inéditas de teatro

- Carolina: o luxo do lixo
- But the eyes are blind one must look with the heart...
- From “the little prince”

Embora haja na contagem da relação supramencionada um total de 37 cadernos autógrafos, contabilizando, então, 11 cadernos microfilmados, com exceção de 1 caderno, os demais estão em Sacramento.

O que nos chamou atenção nesse dossiê foram as novas versões do texto que reaparecem na publicação de *Diário de Bitita*. O caderno de capa dura, acabamento em costura medindo 16 X 23 cm pertencente ao lote 007.111 com a seguinte anotação na Folha de rosto: “Maria Luiza, Romance, Carolina Maria de Jesus”, consiste numa autoficção da trajetória de Bitita que no romance segue caminhos de boa ventura embora tenha sido rejeitada pela família desde a tenra infância por ter nascido semimorta.

Após diversas negociações em 2006, Clélia Pisa fez entrega ao IMS, do Rio de Janeiro, de dois cadernos que Carolina de Jesus havia deixado com ela e com a jornalista francesa Maryvonne Lapouge nos anos setenta. Ambos os cadernos manuscritos acondicionados no IMS correspondem ao “Fundo Carolina Maria de Jesus”. Esta versão das memórias manuscritas originou a elaboração de *Journal de Bitita*¹⁰. O primeiro é composto de textos e poemas, entre os quais estão os títulos “Meu Brasil”, “Súplica do encarcerado” e “O marginal”. Este caderno tem 392 páginas e foram todas preenchidas pela escritora. O segundo caderno abre com o título “Um Brasil para os brasileiros: contos e poesias”. É composto de 194 páginas preenchidas pela escritora. Apresenta um extenso prólogo de abertura para o livro de poesias idealizado pela escritora. Vale dizer que foi no sítio, em Parelheiros, passado o furor do sucesso, que começaram as condições de venalidade que envolveram a figura de Carolina de Jesus como escritora da favela, longe da mídia, dos holofotes e microfones. No entanto, foi quando a escritora pôde reescrever, de maneira mais elaborada e repensada, suas memórias nesses dois cadernos manuscritas, e nos datiloscritos empreendidos por seus filhos e por um pároco vizinho da família. Assim como alguns romances haviam sido iniciados, como Dr. Silvio, os poemas mesclados a suas memórias já vinham sendo escritos mesmo antes da publicação de *Quarto de Despejo*.

Com efeito, a grossa parcela dos textos literários começa a ser redescoberta e organizada agora. É o caso da descrição dos cadernos do IMS que não foram descritos em suas especificidades no guia, mas que a oportunidade de ter podido conhecê-los possibilita o delinear de um percurso. O dossiê é composto do seguinte conteúdo, descrito na capa da pasta pelo IMS e dos textos enumerados e classificados a seguir. Em primeiro lugar, a descrição que segue corresponde ao caderno com maior

¹⁰JESUS, Carolina Maria de. *Journal de Bitita*. Paris: A.M. Métailié, 1982.
Carolina Maria de Jesus: uma breve cartografia de seu espólio literário

número de páginas, iniciado com o poema intitulado “Meu Brasil” e seguido dos demais textos na seguinte ordem:

Fundo Carolina Maria de Jesus

Acervo IMS

Arquivo CMJ

BR IMS CLIT Pi 0002

Incip: “Meu Brasil”

[...]

Data: [196-]

Nota: O Sócrates africano (p.86) foi publicado no livro *Cinderela Negra* (1994), de Robert M. Levine e José CSB Meihy

- Meu Brasil
- Inspiração
- Lua de mel
- Suplica de mãe
- Deus!
- Saudades de mãe!
- Suplica do encarcerado
- Vai Vai
- Minha filha
- Poéta
- O ébrio
- Prece de mãe
- O infeliz
- Sou feliz
- O marginal
- Dr. Adhemar de Barros
- Mae, amor é sempre mãe

Na sequência, a partir da página 37, começam algumas das narrativas inéditas que foram também datilografadas numa nova versão, apresentando algumas alterações, sobretudo correções e rearranjos que podem ser verificados nos rolos do microfilme intitulado *Miscelânea II* pela FBN. A seguir, encontra-se a sequência do caderno alocado no IMS:

- O chapéu (37-40)
- Os ovos (41)
- (...) A minha mãe ganhou o meu primo Adão (42-61)
- Minha madrinha (43-61)
- A árvore do dinheiro (62-65)
- São Paulo (66-75)
- O Sócrates Africano (76-101)
- A interferência fatal (102-106)

- Minha irmã (106-108)
- A panela (109)

Na página 116 começa uma longa narrativa sem título, mas que perfaz o histórico de seu tio que vai até o final deste caderno.

O segundo caderno é menor e parece ser o livro de poesia idealizado por Carolina de Jesus intitulado por ela mesma como “Cliris”. Podemos ler ali uma das versões do “Prólogo”, escrito da página 1 até a 63, antes dos poemas, e traz a seguinte descrição pelo Instituto Moreira Salles:

Fundo Carolina Maria de Jesus

Produção Intelectual

BR IMS CLIT Pi 0001

Título: Um Brasil para brasileiros

Data: [196-]

A partir da página 64 começam os poemas na seguinte sequência:

- 64- A carta
- 67- Pór que
- 70- Riso de Poeta
- 71- Uns bêijos
- 73- As aves
- 75- Mamãe
- 77- Trinado
- 79- Solteirona
- 82- Solteirona
- 85- A passarada
- 87- A rósa
- 88- Ingênuidade
- 89- Mistério
- 90- Desilusão
- 92- Noivas de maio
- 94- Metade da folha poema “Getulio Vargas”
- 98- Mentira
- 100- Remorço
- 102- “Presente”
- 103- Negrós
- 104- Devanêio
- 106- O Colono e o fazendeiro
- 109- Pobre inocente
- 112- Segredo oculto
- 113- O turco e o Lampião
- 114- Quero-lhe
- 115- Meu avô
- 116- Estátua de pedra
- 117- “Visita”

- 118- Festa dos bichos
- 120- O exilado
- 121- Em que pensas?
- 122- Carta de luto
- 124- Atualidades
- 126- A vida
- 127- Noite de São João
- 128- Reminiscências
- 129- Dá-me rósas
- 130- Ao meu amor
- 131- Tristêza
- 132- Hepocresia
- 133- Dona Leónor
- 136- Os feijões
- 137- O prisioneiro
- 139- Minha pátria
- 141- Rica e pobre
- 142- O devoto
- 144- O pequenino
- 145- Súplica de um cego
- 146- Maria Rita
- 148- Maria Rosa
- 151- Evocação
- 152- A velhice e a mocidade
- 154- O filho
- 157- Poema em prosa com características de fábula
- 158- Vidas
- 160- Meus filhos
- 161- Quadras (A partir daqui começam os provérbios)
- 178- O caipira
- 179- Decepção
- 181- O Homem
- 182- Anceio
- 184- Ino do amor
- 188- Kennedy
- 189- O espedicionário
- 190- Prisão de amor
- 192- Primeiro amor
- 194- Pressentimento

Analisando este caderno pode-se supor que ele se constitui de seus últimos escritos e que, por isso, também, está entre os últimos cadernos manuscritos. No momento dessa escrita, Carolina de Jesus já estava saturada das “ordens vindas de seus interlocutores” e voltou a escrever à sua maneira inaudita,

pois, no sítio, onde permaneceu até o fim de seus dias, estava livre de imposições e do foco das lentes alheias.

Em 2011, Audálio Dantas – o “descobridor” de Carolina de Jesus – doou à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um novo dossiê que consta de 14 cadernos, contendo diversos gêneros, mas predominando o gênero diário¹¹, e 22 fotografias. Desses manuscritos, apenas o Caderno de número 11, datado de 04/12/1958 a 19/12/1959, foi digitalizado e encontra-se disponível no catálogo digital da biblioteca. A descrição completa do material encontra-se no repositório digital da FBN, mas vale lembrar que, infelizmente, parte do material microfilmado não pode mais ser encontrada no Arquivo Municipal de Sacramento. Os datiloscritos, as composições musicais e alguns fôlios que integram os conteúdos se perderam por motivos ainda desconhecidos.

Há um caderno sem numeração e nomeado como “Diario 20” que pode ser considerado um exemplo para compreender as condições atuais dos manuscritos de Carolina de Jesus, bem como a maneira improvisada de como seus primeiros textos foram redigidos em toda sorte de suporte levantado da sucata. O “Diario 20” contém diversos textos escritos entre as datas de 10 de agosto de 1959 a 26 de outubro de 1959, e foi emprestado por Audálio Dantas ao Museu Afro-Brasil (MAB)¹² de São Paulo, em 2005, na ocasião em que a biblioteca do museu recebeu o nome de Carolina de Jesus em homenagem à escritora. Desde então o original encontra-se numa vitrine sem o acondicionamento correto e necessário a um manuscrito raro, sobretudo, porque este bloco, cujas folhas, procedentes das latas de lixo, já estavam em processo de degradação ao serem reutilizadas pela escritora. O esfacelamento das folhas foi sendo intensificado com a passagem do tempo e em razão do contínuo manuseio, sem regras adequadas aos cuidados de documentos em arquivos. Infelizmente, segundo o MAB, não há previsão para a digitalização e o restauro, por falta de verba pública destinada a esse tipo de procedimento, por mais precioso que seja o material. O mesmo tipo de problema ocorre com os demais textos que estão divididos entre os estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e São Paulo¹³.

Os textos desse diário foram escritos em folhas de um livro de contas, do tipo arquivo, reaproveitado do lixo. As folhas foram amarradas com barbante, de modo a usar os furos originais das folhas. A capa improvisada, manuscrita, apresenta a seguinte indicação: “Diario 20” e está datado de 10 de agosto de 1959 a 26 de outubro de 1959”.

Até o momento foram mapeadas cinco instituições brasileiras que guardam o espólio literário de Carolina de Jesus, na forma de manuscritos, de cadernos autógrafos ou de microfilmes:

- 37 cadernos no Arquivo Público Municipal “Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick”, de Sacramento (MG)
- 14 cadernos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
- 2 cadernos no Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro
- 1 caderno no Museu Afro Brasil em São Paulo

¹¹ DANTAS, Audálio. *Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Leya, 2012, p.27 e 31.

¹² Em entrevista, Audálio Dantas afirma que pretende reaver este caderno que jamais lhe fora devolvido. Conf. FERNANDEZ (2014).

¹³ Em diálogo com as instituições, elas alegam que não têm verbas para digitalizar os manuscritos de Carolina de Jesus. A FBN chegou a digitalizar o “Caderno 11” redigido no ano de 1958, que se encontra disponível no site da biblioteca. Conf. JESUS, C. (04/12/1958-19/12/1958) Caderno 11-47, GAV1, 07. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/mss1352132.pdf> Acesso em: 4 ago. 2014.

– 2 cadernos na Biblioteca Mindlin, na Universidade de São Paulo (ainda não localizados)¹⁴. Há, portanto, um total de 56 cadernos analisados e mais 1, supostamente sob a posse de Arlindo Cruz, conforme informação de Vera Eunice de Jesus Lima.

Com efeito, o que é notável no espólio literário de Carolina de Jesus é que ela parece estar em constante busca da palavra para escrever a vida, não sendo a sua linguagem ordinária e transitiva, mas uma constante captura de interação com o “belo” e o “corriqueiro” com os quais ela vai delineando uma visão tanto épica quanto trágica de um passado mineiro e de seu presente em São Paulo, saltando o muro da voz subalterna, fazendo-se voz ativa e altiva.

Referências bibliográficas

Documentos originais de Carolina Maria de Jesus

Fundação Biblioteca Nacional. Coleção Carolina Maria de Jesus. Cadernos microfilmados: 11 Rolos (1958-1963): MS565 (1-10). Rio de Janeiro, 1996, P/b, 35mm.

Fundação Biblioteca Nacional. Cadernos autógrafos: 14 diários (1947-1963): 47, GAVI, 01-14. Rio de Janeiro, 2011.

Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick. Fundo Carolina Maria de Jesus. 37 cadernos autógrafos (1958-1974): APMS 01.01.01. A APMS 12.04. Sacramento, 1999.

Museu Afro-Brasil. 1 caderno autógrafo: “Diário 20” (10/08/1959 a 26/10/1959). São Paulo, 2004.

Instituto Moreira Salles. 2 cadernos autógrafos: BR IMS CLIT CMJ P1 0001 e 0002. Rio de Janeiro, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Journal de Bitita*. Paris: A.M. Métaillé, 1982.

Referências gerais

BARCELLOS, Sergio. *Vida por escrito*: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Bertolucci, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Oeuvres III*. Paris: Gallimard, 2010.

DANTAS, Audalio. *Tempo de reportagem*: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro. São Paulo: Leya, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Durará, 2001.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. UFMG: Faculdade de Letras, 2005.

Recebido em: 11 ago. 2016.

Aceito em: 17 nov. 2016.

¹⁴ Há cópias dos microfilmes resguardados no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Unicamp, doadas em 2010 por Mário Augusto Medeiros Silva, utilizados e adquiridos para sua pesquisa junto à Fapesp, no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), da FCL/UNESP, campus de Assis, solicitadas por mim e compradas pelo programa de Pós-Graduação em Literatura e Vida Social (2008); em 2012, a professora Sueli M. Liebig adquiriu 80% dos microfilmes, contendo diários, poemas e fragmentos de um romance para UEPB via PROPESQ e, finalmente, em 2014 Meihy doa para o Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, uma cópia dos microfilmes da FBN que estavam em sua posse.